

NOTAS ESPARSAS SOBRE UMA INSTITUIÇÃO TOTAL: O GINÁSIO SANTA CATARINA (1906 – 18) ¹

THIAGO PEREZ JORGE²

Eixo Temático I: Ensino Secundário / Técnico / Médio

RESUMO

O Ginásio Santa Catarina foi inaugurado em Florianópolis em março de 1906 como parte das estratégias republicanas de modernização do Estado de Santa Catarina. Nas décadas seguintes, já como Colégio Catarinense, ao ser a primeira instituição a oferecer o ensino secundário de forma regular, consolidou-se como escola formadora das elites catarinenses. O objetivo deste trabalho é movimentar o Ginásio Santa Catarina a partir do diálogo de dois autores. Erving Goffman e sua noção de “instituição total” e Michel Foucault com suas análises de poderes disciplinar e de governamentalidade. Portanto, uma leitura possível do Ginásio Santa Catarina em torno de alguns materiais empíricos levantados contrastados com dois polêmicos pensadores ajudam a iniciar uma leitura de uma instituição total.

Palavras-chave: instituição total, Ginásio Santa Catarina, Florianópolis.

¹ Este trabalho é fruto da pesquisa em andamento de Mestrado em Educação da linha de História e Historiografia da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, orientado pelos professores dr. Norberto Dallabrida e dr. Alexandre Fernandes Vaz.

² Nutricionista e mestrando em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Bolsista CAPES.

APROXIMAÇÕES SUCESSIVAS

O Colégio Catarinense abre suas portas como educandário de ensino secundário dirigido por padres jesuítas alemães em março de 1906 após acordo celebrado entre estes e autoridades públicas do Estado de Santa Catarina. No decorrer de mais de um século de existência, a instituição passou por algumas mudanças de nomes. Da fundação até 1917: *Ginásio Santa Catarina*; de 1918 até 1942: *Ginásio Catarinense*, e desta data até os dias de hoje acompanha a instituição o seu nome atual: *Colégio Catarinense* (PICK, 1979; DALLABRIDA, 2001; SOUZA, 2005).

“A Companhia de Jesus nasce para responder às novas coordenadas eclesiais de seu tempo [...] como uma ordem religiosa dentro da Igreja.” (LOPES, 2009, p.37). “Os padres jesuítas que formaram a rede de ginásio no sul do Brasil”, no qual inseria-se o Ginásio Santa Catarina, “eram em sua maioria imigrantes alemães e estavam no Brasil na condição de missionários da província jesuíta alemã”. (DALLABRIDA, 2001, p.91).

A expansão dessa ordem jesuítica pelo mundo desde o século XVI, mais precisamente a partir de 1548, data da abertura do Colégio Jesuítico de Messina, no sul da Itália, deve ser compreendida não “como um bloco compacto e homogêneo que saiu em estado definitivo das mãos de seu fundador”, Inácio de Loyola (MESNARD, 1992, p.53). Nesse sentido entre estratégias e práticas discursivas de poder, eis que nasce o Ginásio Santa Catarina.

Como o mundo cultural do Ginásio enquanto internamento é o pano de fundo a ser elaborado, os trabalhos *Vigiar e Punir* de Foucault (2010b) e *Manicômios, prisões e conventos* de Goffman (2010a) são fundamentais no esforço de tornar claro *o contexto do texto deste internato*. Portanto, o mergulho constante no mundo do Ginásio através do amplo material empírico visa, a partir das características que estes autores desenvolvem sobre prisões, hospitais, manicômios, “escolas jesuítas”, “escolas internas”, analisar as *categorias mais estruturantes* desta cultura localizada.

Um duplo trabalho se realiza. É *bricolage*, no sentido antropológico de Lévi-Strauss (1989), pois é uma composição que se processa do deslocamento de termos de um sistema classificatório para outro e resulta em outros significados, fruto dos novos arranjos. É *apropriação*, no sentido que Chartier (1990) emprega, pois ressignifico do lugar que falo (e das lentes que possuo) características localizadas de uma instituição *sui generis*. Portanto, uma instituição como o Ginásio Santa Catarina é lida nos seus aspectos de “instituição total” e de “poder disciplinar” dentro de uma governamentalidade.

Goffman (2010a, p.15) entende instituições como estabelecimentos sociais dotados de “locais, tais como salas, conjuntos de salas, edifícios ou fábricas em que ocorre atividade de determinado tipo”. A noção de “instituições” permite uma aproximação entre Goffman e Foucault. Para Foucault (1986, p.247), “instituições” se referem a “todo comportamento mais ou menos coercitivo, aprendido”, que sem enunciado “funciona como sistema de coerção”, logo, “todo o social não discursivo é a instituição”. Esta “instituição” se institucionaliza no Ginásio Santa Catarina sob a forma de “dispositivos”. “Um conjunto [...] heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas.” (FOUCAULT, 1986, p.244).

Este texto está organizado com alguns apontamentos para pensar o Ginásio Santa Catarina enquanto “instituição total” a partir de autores que trataram com tipos de análise que permitem algum diálogo, Erving Goffman e Michel Foucault.

NOTAS DE UMA INSTITUIÇÃO TOTAL: O GINÁSIO SANTA CATARINA

A consolidação de uma instituição de ensino secundário no Estado de Santa Catarina era reclamada. Jovens saíam do seu estado para complementarem seus estudos. Educandários como o Ginásio Nossa Senhora da Conceição, do Rio Grande do Sul, e o Imperial Colégio de Pedro II do Rio de Janeiro, eram os principais destinos dessa juventude. Um deslocamento se processa. No então governo de Vidal Ramos um “pacto republicano” se realiza com vistas à consolidação de um estabelecimento de ensino secundário na capital do estado de Santa Catarina.

Este trabalho se orienta entre uma microhistória e uma microsociologia. Nessa perspectiva o nascimento do Ginásio Santa Catarina deve ser lido entorno dos investimentos e estratégias singulares que o tornam produto e produtor de uma auto-apresentação. Dispositivos de poder que fundam um tipo de eu institucional (o que o senso comum chamaria de tradição por reconhecer naquele ente caracteres específicos). “O [...] interesse fundamental é chegar a uma versão sociológica da estrutura do eu.” (GOFFMAN, 2010a, p.11).

Esboço uma zona fronteira dentre diálogos. A temática da *ordem da interação* é a problemática que acompanha o trabalho de Goffman, sociólogo da escola de Chicago que entende o mundo social como uma rede de intersubjetividade. “Goffman investiga friamente e naturalisticamente a vida social, identificando as regras de troca, imperceptíveis, que regem as ocasiões de copresença.” (DE LUCCA, 2009, p.190). Estuda os procedimentos donde há interação entre diferentes atores através de influências e ocorrências recíprocas. Há, de certo modo, uma sobreposição na perspectiva desse autor entre vida pública e vida social, logo, não haveria espaço para a vida pública.

Mas é esta visibilidade mútua, própria aos encontros sociais, que marca a singularidade de seus personagens, fazendo-os serem simultaneamente ativos e passivos, atores e espectadores, sujeitos e objetos da apreciação. Assim, a interação precede os próprios interagentes, na medida em que é ela que os posiciona. Mesmo que circunscrita pelo conflito e pelo mal-entendido, toda interação depende de certa cumplicidade entre os atores e cobra o engajamento deles. Uma dada dificuldade, ao ser socialmente enquadrada, passa a estruturar a própria experiência dos atores, de modo que **não é o indivíduo que constitui a unidade elementar de análise, mas a situação**. Goffman trata, então, o indivíduo como uma categoria que faz parte do público, ele depende dessa relação contextualizada e circunstanciada com outro significativo, particular ou generalizado, que lhe faz face. (De Lucca, 2009, p.190, grifo nosso).

Foucault trabalha saber-poder-sujeito sem matizar raízes. Enquanto método de trabalho faz emergir deslocamentos, evidenciar rupturas, localizar relações de poder, um processo de desconstrução do aparente. O pressuposto comum em Foucault, em seus métodos arqueológico e genealógico, seria “escrever a história sem referir a análise à instância fundadora do sujeito [...] [ou seja, para] analisar o saber em termos de estratégia e táticas de poder [...] [e portanto,] trata-se de situar o saber no âmbito das lutas” (CASTRO, 2009, p.185). Como o próprio autor defende, seu objetivo era

“criar uma história dos diferentes modos pelos quais em nossa cultura, os seres humanos são transformados em sujeitos” (RABINOW e DREYFUS, 1995).

Foucault tentou não tomar nada por garantido [...]. É aí que reside, sem dúvida, a beleza de um método, de qualquer método. Foucault não tinha uma teoria fixa ou uma posição imutável com relação às quais todas as coisas podiam ser medidas. O estudo da cultura realizado por Foucault é uma história com começos, mas sem causas. [...] Em vez da monocausa, ou causa primeira, Foucault nos deu um jogo de causa. É um universo de rupturas e pausas, mas, mesmo assim, um universo. (O'BRIEN, 2001, p.50, grifos nosso).

Relações entre agentes/atores são respaldadas por práticas de poder tanto para Goffman quanto para Foucault. Bricolagens e apropriação para pensar a maquinaria escolar do Ginásio Santa Catarina: se seria esta uma instituição total, quais as características que a qualificam para tal?

Toda instituição conquista parte do tempo e do interesse de seus participantes e lhes dá algo de um mundo; em resumo, toda instituição tem tendências de 'fechamento' [...] algumas são muito mais fechadas do que outras. Seu 'fechamento' ou seu caráter total é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico – por exemplo, portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, água, florestas ou pântanos. A tais estabelecimentos dou o nome de 'instituições totais'. (GOFFMAN, 2010a, p.16).

Goffman (2010a, p.17) deixa claro que “esta classificação de instituições totais não é clara nem exaustiva, nem tem uso analítico imediato, mas dá uma definição puramente denotativa da categoria como ponto de partida concreto.” Se em nosso tempo social os ambientes de trabalho, de lazer e de dormir são diferentes, nos casos onde se aglutinam essas ações humanas acionadas num plano racionalizado, estas acabam numa certa separação de uma vida social mais ampla. Tornam-se instituições totais com suas equipes dirigente e de internos.

Na atividade controlada do Ginásio Santa Catarina no recorte temporal (1906 – 1918) a regulação se dá como nas fábricas-escolas, em minutos. Nas manhãs do Ginásio da década de 1920: levanta-se às 6h; ora, come e brinca às 6:25h; estuda às 7:35h; recreio às 8:05h; 3 aulas às 8:15h; recreio às 11:05h; almoça às 11:30h. corpo e tempo biológico-cultural-psicológico em ajustamento.

VII Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina. Maio-Junho de 2012. ISSN 2236-7977.

Portanto, esta articulação do corpo com objetos disciplina e através do esquadramento do tempo otimiza corpo útil.

Uso uma fenomenologia a la Goffman e uma microfísica do poder a la Foucault para ler o Ginásio Santa Catarina. De fato, este não é o único local onde há mortes do sujeito, e pensá-la talvez liberte um pouco mais. Se todos nós morremos quando nossa imagem dilui-se, um corpo negado ao ser difamado perante um público, a mutilação do self (Goffman) ou negação do corpo (Foucault). No contexto da instituição total esta deveria ser vista como um laboratório onde uma alma de plástico deverá ser moldada. O sentido forte do recluso participa ativamente desse processo de mortificação, uma ação docilizadora que oscila entre ser gradual e ser intensa. De todo modo, o interno vê-se a abandonar a antiga vida que levava pois agora tem de aprender a lidar com a imagem auto-apresentada de si pela instituição.

Nessa perspectiva de histórica cultural as noções de Goffman – “instituição total”, “carreira moral” e “vida íntima da instituição” – imbricam-se aqueles esgarçadas por Foucault – “poder disciplinar” e “governamentalidade” e permite qualificar relações de poder entre agentes sociais, no caso, equipe dirigente e internados. O processo de mortificação do eu, o grau de isolamento relativamente ao mundo exterior, o processo de estigmatização, a interação social desenvolvida, o acionamento de ajustamentos secundários e o sistema de vigilância e disciplina são características levantadas por Goffman. Poderes de uma instituição total, aproximadas de Foucault no poder de controle do corpo máquina e de segurança da população que ajudam a dar traços iniciais ao Ginásio Santa Catarina em torno de seu internamento. Uma “instituição total” como um “estabelecimento social” onde se realiza trabalho, mora, diverte-se, come e indivíduos estão separados da sociedade mais ampla e “levam uma vida fechada e formalmente administrada”.

Dessa forma, seria interessante traçar duas perspectivas que deveriam ser vistas como complementares e não excludentes. Os papéis e as cartas do jogo são fenômenos quânticos aos olhos do microcosmo: prováveis e provisórios. Essa instituição total Ginásio Santa Catarina é deveras complexa para se pautar em cristalizar papéis. Se por um lado os alunos internos fazem parte dos internados, a equipe dirigente seria os padres jesuítas e sua hierarquização; e de outro prisma se esses padres jesuítas são os internos que estão sob regulação de uma outra equipe dirigente, esta seria a Companhia de Jesus, explicitamente representada no papel do padre Geral da Companhia de Jesus. Porém, como este não trabalha diariamente no estabelecimento, na hierarquia da Ordem é o padre diretor quem detém a função de apresentar-se como entidade dirigente na

ausência daquele. Dirige até que seja nomeado pelo padre Geral da Companhia outro nome para tal função. Portanto, tendo como referência o mundo do internado do Ginásio serão o padre geral e o padre diretor as figuras que ligam mais proximamente a instituição total à sociedade (mundo secular católico e mundo do novo estado republicano).

Todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva, em tempo predeterminado, à seguinte, e toda a sequência de atividades é imposta de cima, por um sistema de regras formais explícitas [...] várias atividades obrigatórias [...] para atender aos objetivos oficiais da instituição. (GOFFMAN, 2010a, p.18).

Goffman (2010a, p.18) entende que é a vigilância a atividade principal numa instituição total, ou seja, “fazer com que todos façam o que foi claramente indicado como exigido, sob condições em que a infração de uma pessoa tende a salientar-se diante da obediência visível e constantemente examinada dos outros”. Assim como para Foucault (2010b) a vigilância hierárquica se trata de uma série de técnicas, particularmente ligadas à distribuição do espaço (panoptismo) e do ver que induzem relações de poder. Trata-se de fazer possível um poder do “ver sem ser visto” que assegure seu funcionamento múltiplo, automático e anônimo. Vigilância inventada. Disciplinarização de saber no corpo.

O laborioso curso de inspetores ou prefeitos foi confiado a 2 sacerdotes e 4 clérigos, que com todo zelo e solicitude velaram o procedimento e aplicação dos alunos, observando-os atentamente nas salas de estudo e durante as horas de recreio animando-os com em seus trabalhos, dirigindo-os em seus jogos, presidindo, no Internato, às mesas do refeitório, instruindo-os nas regras de civilidade e usos de boa sociedade, procurando por toda a parte corrigir-lhes os defeitos e formar-lhes o caráter (RELATORIO GINASIO...1909, p.6)

O pessoal encarregado da vigilância sobre os alunos fora da aula, tornou-se merecedor de justos elogios pelo incansável e paciente desvelo com que, todo o ano, atendeu às suas múltiplas incumbências, tornando aos alunos agradável a estada no estabelecimento. (RELATORIO DO GINASIO..., 1910, p.3)

Olhar de vigia, controle pelo sistema castigo-premiação. No Ginásio o “esquema panoptismo” estava nos dormitórios, refeitório, capela, sala de estudos, sala de aulas. E mais, muito mais. Nas ruas da cidade e objetos disciplinarizados vestidos de fazer viver evitam-se desvios. Poder disciplinar se difunde em normalização.

Para os internos e semi-externos que o favor de saídas depende do comportamento e aplicação e se concede somente por boas notas de mês. O primeiro domingo de cada mês é o dia de saída, que os alunos podem passar com suas famílias ou com os seus correspondentes: o que não sai este dia perde o jus a outra saída. Devem os alunos sair e voltar à hora marcada, e somente serão entregues aos pais ou pessoa da família, conhecido do Diretor. [...] não pode ser encontrado sozinho nas ruas. Os alunos somente podem ser visitados aos domingos e dias festivos. [...] Cartas, pacotes, ou qualquer outros objetos que forem mandados aos alunos, ainda mesmo por eles, devem passar por Mao do diretor, não sendo permitido usar livros que não tenham sido apresentados e aprovados. (RELATÓRIO DO GINÁSIO...1910, p.58)

Na instituição total há um mundo do internado. Padres e alunos são internos. Há processos de “mortificação do eu” que leva a suprimir uma “concepção de si mesmo” e uma “cultura aparente” que o internado traz consigo, formadas numa socialização primária/familiar, e que na dada sociedade da instituição não é aceita, ou é distinta. Ataques ao eu através do “enquadramento” das regras, do “despojamento de bens” que faz perder seu conjunto de identidade e segurança pessoal, e da “exposição contaminadora” que viola a informação sobre seu eu “doente”. Mecanismos que levam ao desequilíbrio do eu pois profana as ações, autonomia e liberdade de ação do internado.

Processo que ocorre concomitantemente a uma reorganização do eu internado. São as regras, rotinas, hábitos, rituais em torno de um conjunto prescritivo e proibitivo. Aceitos levam às sanções positivadas – prêmios e distinções; e se desobedecidos acarretam castigos. Numa instituição total os privilégios são menos favores e mais ausência da privação. No Ginásio Santa Catarina os “olheiros” eram recompensados com doces e balas quando bem desempenhavam suas tarefas. Há ainda cerimônias como a premiação anual, a festa do esporte, as narrativas das saídas de pic-nic podem ser lidas como processos de ligações entre equipe dirigente e de internados. Uma forma de sair da rotina institucional. Fresta de respiro ao eu. Estas cerimônias também são vistas como a

possibilidade do internado reaprender a viver em sociedade e reaprender a capacidade e voluntariedade para realizar tal vivência. Um fazer viver dentro de uma mentalidade de governo.

Goffman trata da obrigatoriedade de em muitas instituições totais os internados na interação social com a equipe dirigente terem de dizer “senhor” a todo momento, assim como pedirem coisas cotidianas, “pequenas” como “fogo para cigarro, um copo de água ou permissão para usar o telefone”. O poder disciplinar que mantém com o corpo uma relação analítica. Uma microfísica do poder. A “obediência a outrem” de que Foucault (2010b, p133) trata deve ser minuciosamente fabricada. No final do ano escolar, os alunos do Ginásio Santa Catarina levavam os relatórios para casa. Ecos pela cidade: “jornal da cidade” e “elite dirigente do partido republicano” também recebiam o dito relatório. Uma época em que livros e fotografias eram muito menos acessíveis do que neste nosso tempo. Relatórios inventados como “monumentos” para docilizar. Falavam do ano daquele mundo escolar. Ao final, sempre, todos os nomes daqueles homenageados na Festa do Ginásio (num certo ano a notícia da tal festa tomou quase a semana inteira do *jornal da cidade*). “Arte de talhar pedras”. (FOUCAULT, 2010b, p.135).

Corpos são úteis na medida de sua docilidade. “Aprofundar sua sujeição”. (FOUCAULT, 2010b, p.134). Nas primeiras ou últimas páginas destes relatórios sempre os mesmos avisos. “Lembramos aos Srs. Pais [...] os grandes prejuízos que sofrem os seus filhos não frequentando as aulas desde o primeiro dia do ano letivo; pois faltando-lhes as lições básicas, expõem-se ao perigo de não poder vencer a matéria do ano.” (RELATÓRIO DO GINÁSIO...1910, p.1).

Fórmula da docilização: fazer uma doma gradual e severa. No 1º dia de aula, não havia aula, mas sim um “boas vindas” com missa e explicação pelo então padre diretor de questões sobre horário, livros e métodos adotados no Ginásio. Domesticação que já começa pela forçosa opção de *moldar sua alma*. Explico: havia descrição dos uniformes – festivos, semanais, inverno – e especialmente aos internos os “enxovais” (roupas de cama), que podiam levar de casa ou dar quantia para que fosse comprado (RELATÓRIO DO GINÁSIO...1910, p.54). Homogeneização dos corpos. “Uma vez que o internado seja despojado de seus bens, o estabelecimento precisa providenciar pelo menos algumas substituições, mas estas se apresentam sob forma padronizada, uniformes no caráter e uniformemente distribuídas.” (GOFFMAN 2010a, p.27).

Como salienta Foucault (2010b, p.203) “a ‘disciplina’ não pode se identificar com uma instituição nem com um aparelho; ela é um tipo de poder”, uma técnica de utilização onde há instrumentos, “procedimentos”, tipos “de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma ‘física’ ou uma

‘anatomia’ do poder”, portanto, “uma tecnologia” que servem a certas instituições como o Ginásio Santa Catarina e reforçam ou reorganizam “seus mecanismos internos de poder”.

Deslocam-se, entre convidados e convocados, corpos e almas à cena de um lugar para ser fabricado. Imaginem a cena: cartão postal com foto em perspectiva da sala de estudos contemplando a baía norte. Apenas o vão da janela, vegetação quase-virgem e o mar que espera.

Situado à beira-mar, em uma das mais pitorescas e saudáveis localidades da bela cidade de Florianópolis, compreendendo vastas áreas para jogos higiênicos e banhos no mar, o Gymnasio Santa Catharina pode garantir aos srs. pais de família tudo quanto se necessita para o bem estar físico de seus filhos [...] cinco vezes por dia dar-se-ão aos pensionistas comida suficiente, sã e variada. Nos intervalos dos estudos haverá recreação, passeios, banhos de mar e exercícios ginásticos (RELATÓRIO DO GINÁSIO...1910, p.54)

Nestas notas esparsas vai aprofundando uma leitura séria. Eis que nasce uma instituição total. Trabalho em torno de uma individualidade forte economicamente e fraca politicamente é o fim do projeto “poder disciplinar” e agora dentro de uma mentalidade de governar vincula-se a um “fazer viver”. Biopolítica da população internada. De todos cuja regulação dos corpos insere-se no mundo. Humano, demasiado mundano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Edgard. *Vocabulário de Foucault*. Trad. Ingrid Xavier. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2009.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

DALLABRIDA, Norberto. *A fabricação escolar das elites. O Ginásio Catarinense na Primeira República*. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

DE LUCCA, Luca. Goffman e as mortes da vida social. *Revista Plural. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*. São Paulo: USP, 2009. v.16, n.1, pp.189-194.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 38.ed. trad. Raquel Ramallete. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. 8ª Ed. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2010.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. Trad: Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papirus, 1989.

O'BRIEN, Patricia. A história da cultura de Michel Foucault. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2001.

MESNARD, Pierre. La pedagogia de los jesuítas (1548-1762). In: CHÂTEAU, Jean. *Los grandes pedagogos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

VII Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina. Maio-Junho de 2012. ISSN 2236-7977.

PICK, Reinaldo João. *O Colégio Catarinense, um marco na história da educação em Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 1979. (Dissertação de Mestrado em História)

RABINOW, Paul e DREYFUS, Hubert. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução de Vera Porto Carrera. Rio de Janeiro: editora Forense Universitária, 1995.

RELATÓRIO do Ginásio Santa Catarina – publicado no fim do ano letivo de 1909. Florianópolis: Colégio Catarinense, 1909.

RELATÓRIO do Ginásio Santa Catarina – publicado no fim do ano letivo de 1910. Florianópolis: Colégio Catarinense, 1910.

VII Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina. Maio-Junho de 2012. ISSN 2236-7977.